

HISTÓRIA EXEMPLAR

A ciência para vencer na vida

Aluna do Colégio Pedro II, do Engenho Novo, vence olimpíada para disputar conhecimento com os melhores do mundo na Dinamarca

SIMONE CANDIDA
simone.candida@oglobo.com.br

Há um ano, Lorrayne Isidoro caminhava pelos corredores do Colégio Pedro II, no Engenho Novo, quando se deparou com um cartaz divulgando inscrições para uma competição de Neurociências (estudo do sistema nervoso). Na época, a jovem não sabia muito bem que ciência era aquela. Mas, como adorava biologia, física e química, foi para a internet pesquisar. Gostou do que leu e foi procurar a professora responsável por orientar estudantes para as provas. Nascia ali um interesse que acabou se transformando em paixão. No último sábado, a estudante de 17 anos foi a primeira colocada na IV Olimpíada Brasileira de Neurociências (Brazilian Brain Bee), em São Paulo. E conquistou a única vaga para representar o Brasil na 16ª Olimpíada Internacional (2016 Brain Bee World Championship). De origem pobre, filha de um ambulante e uma explicadora — que dava aulas para ajudar no sustento da família —, Lorrayne agora depende de uma vaquinha on-line para obter R\$ 15 mil e fazer a viagem rumo aos seus sonhos.

— Para mim foi uma emoção muito grande. Eu queria muito, mas não tinha certeza se ia conseguir — diz ela, com sorriso tímido.

Mas os professores e os colegas da escola não tinham dúvida. A estudante da 3ª série do ensino médio é conhecida pela determinação. Nas férias, enquanto muitos curtiam o descanso e marcavam encontros pelo WhatsApp, ela fazia aulas num curso de verão em neurociências, oferecido pela UFRJ e pela UFF. Durante a competição internacional, que acontece de 30 de junho a 4 de julho, em Copenhague, Lorrayne se juntará aos melhores do mundo.

ESTUDO EM LIVROS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Ela já venceu competidores de peso por aqui. No evento de sábado, brigou pela vaga classificatória com outros 13 estudantes do país. A avaliação, considerada de alto nível, teve uma bateria de cem questões sobre morfologia (neuroanatomia, neurohistologia e embriologia), neurofisiologia, neurociências básicas e clínica. E, apesar de a olimpíada ser voltada para alunos do ensino médio, as questões exigiam conhecimentos de nível superior.

— Ela é impressionante. Quando veio me procurar em dezembro 2014, perguntando sobre a prova, me propus a ajudá-la e, inicialmente, me preparei para dar aulas expositivas. Fui uma matéria muito específica. Entreguei um livro para que ela se familiarizasse com



Desafio internacional. Lorrayne Isidoro, aluna do colégio Pedro II que ganhou o primeiro lugar na Olimpíada de Neurociência. "Quando me interessei por alguma coisa, aprendo rápido"

“

Quando descobri o que era neurociência, uma ciência que desvenda o sistema nervoso, fiquei muito interessada e curiosa”

Lorrayne Isidoro
Vencedora da Olimpíada Brasileira de Neurociências

o tema e combinei de começarmos a estudar na volta das férias. Ela me surpreendeu: veio com o conteúdo do livro lido e entendido. Estudou por dois meses e tirou 2º lugar na Olimpíada Brasileira ano passado. Este ano, se preparou mais e conseguiu o primeiro lugar no Brasil — conta Camila Marra, professora de biologia do Pedro II e orientadora de Lorrayne, ressaltando que ofereceu material didático da graduação — e até livros de pós-graduação — para a estudante.

Lorrayne estudou a vida toda em escolas públicas. E conta que sempre teve facilidade de aprender. Fala inglês e francês e está estudando, por conta própria, italiano e dinamarquês, língua que pretende aprender durante a viagem.

— Eu sonhava conseguir a vaga, então comecei a estudar dinamarquês — diz.

Ela não sabe explicar de onde nasceu tanta vontade de aprender ciências. Mesmo quando decide fazer algo para se distrair, não foge do tema. Seu atual livro de cabeceira é “O homem que confundiu sua mulher com um chapéu”, do neurologista Oliver Sacks. Na TV, gosta de assistir à série “House”, que conta histórias de um médico que usa métodos pouco ortodoxos para diagnosticar doenças.

— Quando era pequena, gostava de

observar formigas e plantas. No começo, achei que queria ser bióloga. Quando descobri o que era neurociência, um estudo voltado para desvendar o sistema nervoso, fiquei muito interessada e curiosa. Não acho que tenho boa memória. O que acontece é que, quando me interessei por alguma coisa, aprendo rápido. Foi assim com neurociência. Decidi, a partir dali, que quero ser médica, neurologista. Estudar as doenças do sistema nervoso — diz ela, que tem como uma das metas estudar o mal de Alzheimer.

ORIENTADORA SE EMOCIONA

Passada a emoção da vitória, a jovem moradora do Engenho Novo enfrenta mais um desafio: comprar a passagem de avião e pagar a estadia na Dinamarca. Para tentar ajudá-la, a equipe da Olimpíada Brasileira de Ciências criou uma vaquinha on-line, com o objetivo de arrecadar R\$ 15 mil (www.vakinha.com.br/vaquinha/lorrayne-isidoro-rumo-a-olimpiada-internacional-de-neurociencias). O valor pagará a viagem de Lorrayne e de sua orientadora. Até ontem, só tinham conseguido R\$ 1.495.

Criada em 1998, por iniciativa do Dr. Norbert Myslinski (Universidade de Maryland, EUA), as Olimpíadas de Neu-

rociências (*Brain Bee Competition*) são competições de neurociência para estudantes do ensino médio, entre 14 e 19 anos, que acontecem atualmente em mais de 30 países. Há cerca de 150 coordenadores de Olimpíadas de Neurociências distribuídos em comitês locais por todo o mundo, sendo três deles no Brasil. Anualmente, um representante de cada país é selecionado nas provas nacionais. Os três primeiros colocados recebem medalhas e prêmios em dinheiro.

O objetivo é despertar nos jovens o interesse pelas ciências que estudam o sistema nervoso. As competições normalmente são realizadas em inglês, mas, no Brasil, as olimpíadas podem ser bilíngues. Na grande prova internacional, no entanto, o idioma oficial é o inglês. Segundo Camila Marra, a prova tem perguntas orais e respostas escritas. E não é raro o orientador ficar tão nervoso quanto o aluno.

— Na prova de sábado, caiu uma questão que eu e Lorrayne tínhamos estudado cedo e sobre a qual ela não fizera qualquer comentário. Na hora, pensei: tomara que ela se lembre. E ela lembrou! Acertou a questão — recorda, emocionada, a professora. ●